



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOS

REVISTA FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, p. 1-16, jan.-dez. 2021
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.38980>

CIBERCULTURA

Vitrine das hipermasculinidades: estratégias de legitimação discursiva de conteúdos machistas em comunidades no Facebook

Hypermasculinities Showcase: strategies for discursive legitimation of macho content in Facebook communities

Vitrina de hipermasculinidades: estrategias de legitimación discursiva de contenido machista en comunidades de Facebook

Eliza Bachega Casadei¹

orcid.org/0000-0003-2810-8702
elizacasadei@yahoo.com.br

Recebido em: 28 ago. 2020.

Aprovado em: 25 maio 2021.

Publicado em: 01 jul. 2021.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir os mecanismos discursivos que legitimam manifestações midiáticas de hipermasculinidade, bem como analisar a quais tipos de convocação para o consumo midiático eles respondem. Para isso, estudaremos a comunidade do Facebook intitulada Manual do Jogador Ruim. A partir da metodologia da Análise Crítica do Discurso, é possível observar que essas produções são atravessadas por discursos de masculinidades performativamente vigilantes que constituem um espaço heterotópico de articulação discursiva via humor, de forma que suas estratégias discursivas de legitimação do conteúdo machista se articulam em torno da possibilidade de habitação de lugar ambíguo de representação identitária, em que as normatividades de gênero são, ao mesmo tempo, expostas e mitigadas pelo recurso ao humor.

Palavras-chave: Masculinidades. Representações Midiáticas. Humor. Heterotopia. Consumo Midiático.

Abstract: This paper aims to discuss the discursive mechanisms that legitimate hypermasculinity media manifestations, as well as to analyze the convocational media consumption that they respond to. For this, we will study the Facebook community entitled Manual do Jogador Ruim. From Critical Discourse Analysis methodology, it is possible to observe that these productions are crossed by performatively vigilant masculinities discourses that constitute a heterotopic space of discursive articulation via humor, so that its discursive strategies for legitimizing these content are articulated around the possibility of housing an ambiguous place of identity representation, in which gender norms are, at the same time, exposed and mitigated by the use of humor.

Keywords: Masculinities. Media Representations. Humor. Heterotopia. Media consumption.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir los mecanismos discursivos que legitiman las manifestaciones mediáticas de hipermasculinidad, así como analizar a qué tipos de convocación al consumo mediático responden. Estudiamos la comunidad de Facebook llamada Manual do Jogador Ruim. Desde la metodología del Análisis Crítico del Discurso, es posible observar que estas producciones son atravesadas por discursos de masculinidades performativamente vigilantes que constituyen un espacio heterotópico de articulación discursiva a través del humor, por lo que sus estrategias discursivas de legitimación del contenido machista se articulan en torno a la posibilidad de albergar un ambiguo lugar de representación identitaria, en que las normas de género son, al mismo tiempo, expuestas y mitigadas por el uso del humor.

Palabras clave: Masculinidades. Representaciones Mediáticas. Humor. Heterotopia. Consumo de Medios.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

O presente artigo parte do questionamento sobre como algumas estruturas abertamente machistas ainda sobrevivem nos dispositivos midiáticos. Mesmo diante de um cenário de mudança nas normatividades de gênero, quais são, afinal, os mecanismos discursivos que legitimam tais manifestações públicas? Assim, se é verdade que há um abalo nas normatividades de gênero, também é notório o fato de que estruturas abertamente machistas e extremamente seguras sobrevivem, de forma que o entendimento sobre os mecanismos de legitimação de tais práticas são um importante tema de estudos. Diante dessas perguntas, trazemos a proposta de estudar um dos espaços midiáticos em que são expostas várias produções que medeiam ideais de hipermasculinidade, em uma comunidade de Facebook, para observar algumas de suas estratégias convocacionais ao consumo midiático e seus processos de legitimação de fala.

A noção de prestígio social é central na definição clássica da masculinidade hegemônica (CONNEL; MESSERCHMIDT, 2013, p. 269). Para os autores, "essa é uma forma-chave de ligação entre a masculinidade e a heterossexualidade na cultura ocidental, com prestígio dado aos meninos com parcerias heterossexuais e o aprendizado sexual". As problematizações engendradas pela luta feminista mudam as formas assumidas pelo prestígio social masculino, de forma que expressões da performatividade masculina hegemônica que antes eram consideradas normais (como a violência e o sexismo) passam a ser patologizadas e relegadas a um lugar de menor prestígio, que podem prejudicar o capital social do sujeito implicado (WHITMER, 2017). Não obstante isso, é possível observar, na cultura, uma série de práticas sociais a partir das quais performatividades vinculadas a demonstrações exageradas do estereótipo machista ainda encontram guarita e se materializam em uma face pública. Tal como

exposto por Didier (2019, p. 10), "vivemos 'tempos interessantes': não estamos mais no mesmo mundo onde crescemos, mas tampouco estamos em um novo mundo, com mudanças consolidadas", de forma que convivemos com remarcações "das próprias definições de norma e desvio no campo do gênero e da sexualidade" e, ao mesmo tempo, com "representações dos gêneros refletem e reforçam a divisão social dos sexos" (2019, p. 10).

O objetivo do presente artigo é analisar expressões midiáticas onde esses estereótipos exagerados da masculinidade hegemônica ainda são utilizados como forma de mobilização de capital social. Para isso, iremos observar a comunidade do Facebook intitulada "Manual do Jogador Ruim"² (que possui em torno de 282 mil membros³). Trata-se de um grupo voltado para o compartilhamento de memes de humor que, muitas vezes, resvalam em piadas machistas e homofóbicas. Os próprios membros do grupo (que são pessoas comuns e não humoristas profissionais ou trabalhadores da mídia) são responsáveis pela publicização do conteúdo, de forma que cada postagem se vincula à face pública do indivíduo. Embora mulheres igualmente participem do grupo, a maioria dos integrantes são homens, sendo possível observar, nesse espaço, o consumo de um ideal específico de masculinidade hegemônica e de ganho de capital social junto ao grupo. Trata-se de um objeto de análise interessante, posto que ele pode ser entendido como um dos lugares sociais a partir dos quais a disputa em torno da legitimação de representações de gênero acontece.⁴

Isso posto, o objetivo do artigo é discutir como tais conteúdos vinculados à hipermasculinidade se legitimam discursivamente e a quais estratégias de convocação para o consumo midiático eles respondem, especificamente, no conteúdo vinculado nessa comunidade. A pertinência de tal abordagem se justifica, uma vez que, entender tais estratégias discursivas são importantes na

² Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/manualdojogadorruim>. Acesso em: 12 ago. 2020.

³ Dados de agosto de 2020.

⁴ É possível observar, no Facebook, muitas outras comunidades que seguem propostas parecidas a do Manual do Jogador Ruim no que se refere à publicização de conteúdos com teor machista. Manual do Jogador Ruim foi escolhida como um estudo de caso, mas não se trata de um fenômeno isolado.

medida em que elas atuam na manutenção e na proteção de posicionamentos conservadores de gênero travestidas por um discurso humorístico.

Para isso, utilizaremos os aportes metodológicos da Análise Crítica do Discurso (ACD), visto que se trata de uma vertente que busca investigar as formações discursivas que engendram relações de poder e de sistemas sociais de conhecimento e de crença, bastante pertinente para os estudos de gênero. Com ela, é possível mapear os diferentes modos de legitimação do discurso, de forma que permite observar onde se dão as estratégias de "controle da produção material e simbólica da escrita e da fala e, assim, de parte dos processos cognitivos que subjazem à administração cognitiva e à fabricação de consensos" (VAN DJICK, 2010, p. 57). Para a coleta do material empírico, foram considerados os *posts* publicados no grupo no período entre janeiro e agosto de 2020. Esse material é pertinente uma vez que, tal como proposto por Thaller (2020, p. 204), "as pessoas se engajam no ato de contar histórias para dar sentido ao mundo e o lugar ocupado nele, não apenas para si mesmas, mas também para uma audiência presumida". Trata-se, portanto, de um espaço em que os indivíduos constroem um perfil público de aparição e obtenção de prestígio junto aos pares.

No caso da comunidade Manual do Jogador Ruim, é possível observar que suas produções são atravessadas por discursos de masculinidades performaticamente vigilantes que constituem um espaço heterotópico de articulação discursiva via humor, de forma que suas principais estratégias discursivas de convocação ao consumo midiático se articulam em torno da possibilidade de habitação de lugar ambíguo de representação identitária, em que as normatividades de gênero são expostas, mas mitigadas pelo recurso ao humor.

Para que possamos discutir o nosso problema de pesquisa (a saber, como tais discursos conservadores se legitimam) iremos, em um primeiro momento, abordar as nuances do conceito de hipermasculinidade e seus modos de expressão midiática. Em seguida, iremos apresentar os conteúdos presentes na comunidade Manual do

Jogador Ruim e analisar as postagens a partir do marco teórico dos espaços heterotópicos, entendidos como tópos discursivos que, ao combinar elementos contraditórios, acionam o humor de forma que não fica evidente se o que se constrói discursivamente é um louvor à hipermasculinidade ou sua ironização. Nesse sentido, estruturaram-se convocações para o consumo midiático articuladas em torno de um espaço de bastidor – onde há o acolhimento de uma série de discursos conservadores e preconceituosos, mas que se aproveita da ambiguidade humorística e do jogo entre pares para a manutenção de uma fachada positiva, conforme detalharemos na sequência.

Masculinidades vigilantes, hipermasculinidades e masculinidades hiperautênticas

Liong e Chan (2020) chamam atenção para o fato de que as performatividades heterossexuais masculinas têm respondido a demandas contraditórias posto que, se por um lado, o discurso do inabalável desejo sexual masculino e da objetificação sexual da mulher ainda continuam sendo considerados socialmente como materializações da masculinidade dominante, as demandas do movimento feminista tornaram essas mesmas expressões inadequadas e desagradáveis, o que redesenhou os limites das performatividades heterossexuais masculinas socialmente legitimadas. "Sob as mudanças nas condições de gênero, os homens jovens são obrigados a demonstrar a sua heterossexualidade, ao mesmo tempo em que eles devem limitar suas expressões sexuais" (LIONG; CHAN, 2020, p. 226). Os indivíduos, assim, articulam diferentes formas de negociação e agenciamento com as posições de sujeito disponíveis e com os recursos culturais legitimados para conectarem-se a uma performatividade masculina heterossexual sancionada socialmente. Uma dessas formas de negociação materializa-se no que os autores chamam de uma masculinidade performaticamente vigilante em relação às relações de gênero e poder social, em que os sujeitos, com os recursos discursivos disponíveis, tentam evitar correlações com ele-

mentos das masculinidades estigmatizadas. Isso pode se manifestar de diferentes formas: desde o esquívamento de rótulos tais como "homem tóxico" até, paradoxalmente, uma exagerada demonstração performativa de heterossexualidade – de forma que ambas as posições, embora opostas, garantem um determinado *status* social.

Através de diferentes recursos discursivos e culturais, os jovens trabalham para evitar os estigmas masculinos, ao mesmo tempo em que afirmam a sua heterossexualidade", em posições de sujeito que podem ser mutantes e contraditórias (LIONG; CHAN, 2020, p. 236).

Também para Louro (2000, p. 20), a expressão pública dos movimentos sociais relacionados a maior visibilidade de *gays* e *lésbicas* "coloca, hoje, essas questões em bases novas: por um lado, em determinados círculos, são abandonadas as formas de desprezo e de rejeição", por outro, "tem acirrado as manifestações antigays e antilésbicas, estimulado a organização de grupos hipermasculinos (geralmente violentos) e provocado um revigoramento de campanhas conservadoras de toda ordem".

A ultravigilância da masculinidade encontra guarita em uma série de expressões culturais. Gutierrez (2019) irá retratar as fraternidades como exemplos de lugares em que há a reprodução de símbolos e de afetos que incorporam modos patriarcais de mediação das masculinidades e aciona aspectos de socialização hipermasculina (geralmente relacionada a atos de violência e de depreciação das mulheres). A hipermasculinidade é definida, pelo autor, como "uma adesão exagerada ao script ideológico machista" o que permite, por exemplo, que certos homens "vejam a violência como algo viril e o perigo como algo excitante" (GUTIERREZ, 2019, p. 245) e a depreciação de mulheres como um elemento importante e desejado da socialização masculina, resultando em um espaço limitado para negociação de performatividades de gênero. Para Corprew *et alii* (2014, p. 106), a hipermasculinidade pode ser definida como "a inflação de atitudes masculinas estereotipadas e comportamentos envolvendo atitudes insensíveis em relação às mulheres, bem como a crença de que a violência é viril e o perigo excitante". A hipermasculinidade inclui,

ainda, elementos como a valorização inflacionada de *status* (tanto financeiro quanto de autossuficiência), atividades agressivas, comportamentos de risco, domínio sobre os outros, desvalorização dos afetos e da cooperação e violência física ou simbólica contra indivíduos que violem as normatividades de gênero (CORPREW *et alii*, 2014).

Para Bengtsson (2016), a hipermasculinidade é uma ordenação coletiva de significado, que cria possibilidades e restrições em situações concretas, de forma que ela não deve ser entendida apenas como a expressão das ações individuais do sujeito, mas sim, como uma estrutura coletiva que orienta as performances de gênero. As hipermasculinidades, portanto, são quadros de interações e só podem ser entendidas a partir dos convívios coletivos. Assim, "a hipermasculinidade pode ser analisada como um quadro que regula as definições dominantes de uma dada situação e regula as performances e, assim, as interações sociais" (BENGTSSON, 2016, p. 413).

Para que possamos entender a hipermasculinidade como uma expressão possível das performatividades masculinas hipervigilantes, Corprew *et alii* (2014) chamam atenção para o fato de que é necessário diferenciar os indivíduos que assumem a hipermasculinidade como um elemento importante de sua constituição identitária (e que podem, inclusive, cometer crimes decorrentes desse tipo de comportamento) daqueles que encenam elementos hipermasculinos em condições específicas de suas vivências cotidianas. Assim, posto que os estudos de gênero recentes rechaçam posturas que tomem a masculinidade sob um viés essencialista, também os estudos sobre hipermasculinidade passam a considerar as múltiplas formas a partir das quais os indivíduos dialogam com as normatividades de gênero em diferentes instâncias de suas vidas. As hipermasculinidades, sob essa perspectiva, são localmente situadas (CORPREW, 2014; BENGTSSON, 2016), de forma que um indivíduo que tenha uma performance hipermasculina em determinada situação, pode não ter em outra.

Os meios de comunicação de massa são também instâncias em que tais formas de consumo de identidades hipermasculinas são mediadas. A partir de um estudo sobre *reality shows* norte-americanos,

Alexander e Woods (2019) mobilizam o conceito de masculinidades hiperautênticas para dar conta de expressões midiáticas das masculinidades dominantes a partir das quais há a articulação de um lugar utópico urdido ao sistema de crenças que circulam socialmente sobre a masculinidade heterossexual. Esse conceito parte de um entendimento de masculinidade que é altamente idealizada e ficcionalizada pelos meios de comunicação, mas que dialoga com experiências e aspirações dos espectadores. Trata-se de um processo reflexivo a partir do qual os espectadores são convidados a criar uma utopia masculina na qual tenham seu domínio econômico e cultural intactos. Ali, eles são encorajados a práticas ativas da hipermasculinidade como realidades desejáveis e pelas quais vale a pena lutar. Não se trata meramente de uma forma performática da masculinidade dominante, mas sim, de uma construção discursiva utópica, altamente idealizada e reativa – uma vez que se articula como uma espécie de resposta retrógrada às dissoluções de papéis de gênero. O intenso uso midiático do “discurso da crise da masculinidade para disciplinar performances da masculinidade pode ter reforçado versões patriarcais tradicionais da masculinidade” (ALEXANDER; WOODS, 2019, p. 250), com a abertura de espaços midiáticos a partir dos quais esses valores ganham propensão. Trata-se de espaços que ativamente desenham entendimentos idealizados sobre o que caracteriza um homem de verdade e como homens devem agir (BENGTSSON, 2016).

Manual do Jogador Ruim também pode ser entendido como um desses espaços de materialização simbólica de hipermasculinidades mediadas. O grupo é um espaço de trocas de memes de humor que, em muitas ocasiões resvalam em piadas machistas, homofóbicas e grosseiras. Os próprios membros do grupo publicam tais memes, de forma não anônima, o que, de alguma maneira, conecta a pessoa que faz a postagem ao seu conteúdo. O objetivo do presente artigo é investigar como tais conteúdos são legitimados

discursivamente. A seguir, iremos mostrar quais são os conteúdos hipermasculinos publicados no grupo e discutir as estratégias de legitimação discursiva sustentadas por ele e como isso media um espaço próprio de performatividades de gênero para os sujeitos.

Mas, afinal, o que diz o Manual do Jogador Ruim?

Manual do Jogador Ruim é uma comunidade privada do Facebook que reúne em torno de 282 mil membros. A descrição do grupo é “só é bem-vindo quem for alegre”, o que marca a veia humorística do conteúdo postado, composto em sua maior parte por memes e vídeos de humor. Dentre as regras dos administradores do grupo, lê-se “seja simpático e gentil: precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor. Vamos tratar todos com respeito. Discussões saudáveis são naturais, mas seja gentil e educado(a)” e “Nenhum discurso de ódio ou bullying: Todos devem se sentir seguros. O bullying de qualquer tipo não é permitido, e comentários degradantes sobre raça, religião, cultura, orientação sexual, gênero ou identidade não serão tolerados”. Os administradores também afirmam que irão apagar postagens que contenham conteúdo impróprio ou pornográfico, nos seguintes termos: “O que dá ban⁵ certo: racismo, xenofobia, pedofilia, homofobia [...], spam, gore, e afins”.⁶

Não obstante isso, é possível notar que há uma grande quantidade de piadas machistas e homofóbicas que são postadas, além de comentários nas postagens com esse teor. Os próprios administradores do grupo parecem não estabelecer claramente os limites do grupo quando, dentre as regras, colocam “O que tem baixa chance de ban: adiantar o decreto antes do fim de semana, recusar meretriz por ela estar acima do peso, postar ‘selfie’ de linguinha de fora, essas porra todas. Vai postar? OK, mas tu vai ter que aguentar a pressão depois, meu irmão!”. Embora o nome do grupo faça referência ao universo do futebol – e a maior

⁵ Gíria para banimento do grupo.

⁶ Transcrições de textos/trechos coletados pela autora durante a pesquisa junto ao grupo/comunidade Manual do Jogador Ruim, em agosto de 2020.

parte das postagens tenha, de fato, alguma ligação com a prática esportiva, nem todos os *posts* se relacionam exclusivamente com a temática.

Para a análise do conteúdo postado na comunidade, iremos utilizar os pressupostos metodológicos da Análise Crítica do Discurso – com o objetivo de delimitar as estratégias de legitimação de conteúdos vinculados à hipermasculinidade nesse espaço. Para essa vertente de estudos, “mesmo quando o poder dos meios de comunicação constitui uma forma de poder mediador, ele possui seu próprio papel autônomo na produção e na reprodução das estruturas de poder social” (VAN DJICK, 2010, p. 74). Ainda em relação a essa metodologia, é necessário escolher os elementos discursivos mais pertinentes para a análise. A proposta aqui aludida se articula a partir do mapeamento de três instâncias discursivas a saber: a) o mapeamento das inscrições do *ethos* discursivo das publicações; b) das inscrições discursivas de uma suposta comunidade de pertencimento para os leitores; e c) das estratégias discursivas utilizadas nas convocações afetivas em suas urdiduras narrativas com agenciamentos coletivos mais amplos.

Para que pudéssemos acessar a comunidade Manual do Jogador Ruim, enviamos uma solicitação com o meu perfil pessoal do Facebook para os administradores do grupo em agosto de 2019, período a partir do qual começou a ser feita a observação dos conteúdos postados. Trata-se de uma comunidade que, em suas regras, explicita que qualquer pessoa pode participar, desde que aprovadas pelos moderadores, de forma que, embora fechado, o seu acesso é facilitado. Ativamos as notificações do Facebook em relação aos novos conteúdos postados e observamos esses materiais pelo menos uma vez por semana, de forma que essa leitura flutuante permitiu uma familiarização dos conteúdos que eram ali publicados.

Para a coleta do material empírico, foram considerados os posts publicados no grupo no período entre janeiro e agosto de 2020. Os conteúdos correlacionados a piadas sobre futebol não serão considerados na análise. Foram utilizados apenas aqueles que se referem a manifestações de hipermasculinidades. O viés da análise é qualitativo,

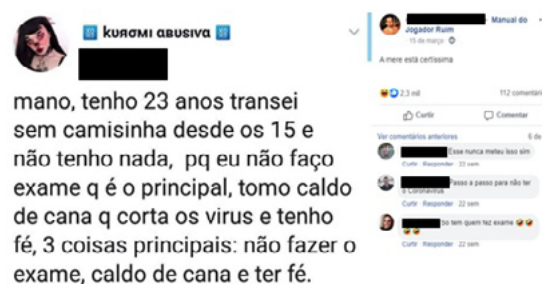
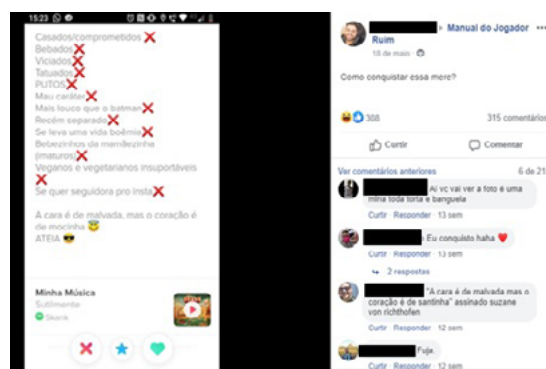
de forma que os memes e os vídeos expostos servem como exemplificação de mecanismos discursivos que se repetem nas piadas postadas no grupo e não como inferência estatística.

Mas, afinal, o que dizem esses conteúdos postados no Manual do Jogador Ruim?

Um primeiro aspecto que chama atenção é que os membros da comunidade são sempre acionados a partir de um vocativo específico: a palavra “confras” (uma abreviação para “confrades”). Tal vocativo já demarca os membros do grupo como pertencentes a uma irmandade, a um lugar de segurança e acolhimento entre pares. Já, as mulheres do grupo, são chamadas de “meres” (uma abreviação para “meretrizes”), o que as posiciona em um lugar distinto daquele ocupado pelos homens.

Muitos comportamentos vinculados às noções de hipermasculinidade são festejados no grupo. Nos *posts* a seguir (Figura 1 e Figura 2), publicados respectivamente em 18 de maio de 2020 e 15 de março de 2020, por exemplo, há a valorização de comportamentos de risco, de um estilo de vida pouco saudável, bem como a afirmação de estereótipos vinculados à pouca maturidade masculina ou ao comportamento sexual hiperativo.

Figura 1 – Post de 18 de maio 2020



Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a post no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

No primeiro *post* (Figura 1), o efeito de humor é obtido pela ironia de que nenhum homem conseguiria atingir os padrões estabelecidos pela "mere", uma vez que todos eles seriam bêbados, viciados ou levariam uma vida boêmia; no segundo, a hipermasculinidade se manifesta pelo pouco cuidado com a saúde e a valorização de comportamentos sexuais de risco.

Há, ainda, um clima de irmandade de homens no grupo, materializado em *posts* como os que seguem, que faz referência a um meme em que um deles estaria avisando a um outro desconhecido sobre a traição da namorada:

Figura 2 – *Post* de 15 de março 2020

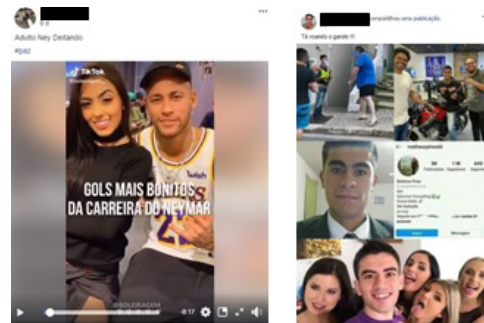


Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a *post* no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

Embora pornografia seja explicitamente proibida nas regras do grupo, há claramente a demonstração de uma heterossexualidade explícita, uma vez que muitos *posts* mostram mulheres que, embora não estejam nuas, estão em poses sensuais e com pouca roupa. Não raro, as fotos de mulheres com pouca roupa são acompanhadas de comentários como os que seguem: "Galvão, a regra é clara, ajoelhou tem que rezar!!"; "Quero a bença das meres desse grupo!!"; "Sem link não posso rezar por essas almas!" (em referência à masturbação) e "Aqui é só varoa de qualidade".

Muitas vezes, os *posts* retratam as mulheres que saíram com jogadores famosos ou com personalidades públicas do momento, como exposto a seguir (Figura 3):

Figura 3 – *Posts* que retratam relacionamentos amorosos/sexuais de jogadores famosos



Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a *post* no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

Outro elemento que media valores de hipermasculinidade ostensiva no grupo refere-se às piadas sobre a hiperssexualização masculina e a disponibilidade sexual irrestrita de homens, que são temas de muitos dos memes que circulam no grupo, tal como nas postagens a seguir (Figura 4):

Figura 4 – *Posts* que tematizam hiperssexualização masculina



Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a *post* no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

O meme com a imagem de Di Caprio é acompanhado de comentários como “O melhor é chegar pros confras depois e falar ‘cheira aqui otario’”; “Aquele cheiro bom na barba” e “Se for da amante chega em casa e lava o dedo, senão da roça”. No meme sobre a massagem, é possível ler “O negócio e lambe até sentir cãibra na língua”; “Quem não faz massagem na mere assim tá fazendo massagem errado” e “A única massagem possível”. No meme com Bart Simpson, os “confras” comentaram: “Deus me livre, mas quem me dera” e “Merê com a 10 tatuada na bunda!”.

Piadas que tematizam a traição masculina, a prostituição e a atrizes pornôns são também bastante frequentes (Figura 5):

Figura 5 – Outros posts que tematizam hiperssexualização masculina



Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a post no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

Por fim, são também comuns *posts* que retratam os enormes ganhos financeiros dos jogadores de futebol, com vídeos que mostram seus carros e mansões luxuosas (Figura 6).

Figura 6 – Posts que tematizam sucesso financeiro



Fonte: Captura de tela realizada pela autora junto a post no grupo Manual do Jogador Ruim, no Facebook.

Mas, afinal, como tais conteúdos vinculados a ideais de hipermasculinidade se legitimam discursivamente?

Para que possamos discutir essa questão, o primeiro eixo de análise que iremos adotar diz respeito à construção *ethópica* pressuposta em tais produções midiáticas. A análise do discurso incorpora da retórica o conceito de *ethos* como a apreensão de um sujeito-narrador construído pelo discurso, de forma que, a partir do estudo das estratégias discursivas acionadas pelo texto,

podemos definir os traços do narrador; quando estudamos a obra inteira de um autor é que podemos apreender o *ethos* do enunciador. Podemos, ao final da análise encontrar uma identidade ou diferença entre o caráter do enunciador e o do narrador numa obra singular (FIORIN, 2008, p. 141).

Como nos lembra Jesus (2011), contudo, a apreensão desse sujeito-narrador não está desvinculada de um determinado lugar construído (também discursivamente) que permite ou não

que certos tipos de estilização de si mesmo possam emergir no discurso. É no lugar que são construídas as posições *ethópicas*, posto que ali "se desenha as diversidades, as diferenças, cujas forças geram as pulsações que modificam comportamentos e que reforçam as fronteiras culturais/identitárias e delimitam o significado de uma representação" (JESUS, 2011, p. 536).

Qual é, então, esse lugar *ethópico* que se articula em Manual do Jogador Ruim e que faz a mediação entre o narrador e seu público presumido? Como discutiremos a seguir, trata-se de um espaço com características marcadamente heterotópicas.

A construção de si em lugares comunicacionais heterotópicos

No ambiente das redes sociais, temos

a possibilidade de constantemente atualizarmos nossos selves nós mesmos, seja através da publicação de imagens ou textos (postar uma nova foto de perfil, por exemplo), ou sermos atualizados num certo sentido pelas pessoas que compõem nossa rede (POLIVANOV, 2019, p. 113).

A noção de performance, portanto, "tem sido trazida à tona como aparato teórico para tentar compreender os discursos engendrados nos contextos dos meios de comunicação", posto que, "criar um perfil numa rede social, eleger o que dizer", o que postar ou compartilhar, de quais grupos participar e como interagir "são algumas das operações que se realiza quando se adentra à formatação de um ambiente de compartilhamento de conteúdos nas redes sociais" (POLIVANOV, 2019, p. 113). Para a autora, tais performances nunca se dão de forma totalmente livre, posto que os indivíduos tentam articular narrativas mais ou menos coerentes, mais ou menos intencionais sobre si mesmos ao longo da vida, nos diversos espaços que habitam. Já que estamos "a todo o momento fazendo performances, buscando convencer nossa audiência, [...] sobre a atuação que estamos realizando", é necessário, "para tentar convencer o outro que minha performance é crível [...] que se busque manter uma 'coerência expressiva' ao representar tal papel", em uma espécie de "consistência con-

firmada" (POLIVANOV, 2019, p. 114). Tal afirmação é respaldada na teoria de Goffman (2005, p. 27) para quem "não é meramente um acidente histórico que a palavra 'pessoa', em sua acepção primeira, queira dizer máscara". E isso porque "todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel", de forma que são "nesses papéis que nos reconhecemos uns aos outros", são "nesses papéis que nos reconhecemos a nós mesmos".

As manifestações do eu nas redes sociais, contudo, não são lineares ou livres de conflitos e ambiguidades. Trata-se, pelo contrário, de "um processo, intensamente complexo, precário, inacabado, de ajuste da 'imagem' própria aos significados que se quer expressar para o outro" que se assemelha mais aos parâmetros estabelecidos por Bourdieu de uma ilusão biográfica, que é sempre sujeita a fraturas e rompimentos dessa consistência narrativa (PEREIRA DE SÁ; POLIVANOV, 2012, p. 581).

É nesse sentido que podemos pensar na constituição de espaços, nas redes sociais, cuja apresentação do eu encontre escapes para além de uma fachada assumida – lugares esses que podemos pensar como *heterotopias midiaticizadas* para a assunção de uma imagem invertida de nós mesmos.

Ora, para que possamos articular essa questão, vejamos primeiro o são os espaços heterotópicos. "O conceito de heterotopia foi introduzido e imediatamente abandonado por Michel Foucault em 1966-1967, mas rapidamente se difundiu pela geografia humana, teoria urbana e estudos culturais durante os anos 1990" (SALDANHA, 2008, p. 2080). Ele o utiliza para descrever lugares que "suspendem, neutralizam, ou invertem o conjunto das relações que são por elas designadas, refletidas ou reflexionadas" (FOUCAULT, 2013, p. 115). Assim, se as utopias são alocações sem lugar real que estabelecem uma representação de analogia direta ou invertida da sociedade, as heterotopias referem-se a lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são uma espécie de utopias efetivamente realizadas nas quais todas as outras localizações reais que podemos encontrar no interior da cultura são

representadas e, ao mesmo tempo, contestadas e invertidas. Trata-se de uma espécie de espelho a partir da qual a cultura, reconhecendo-se, pode devolver uma visão de si mesma. Como explica Gomes (2010, p. 49), as heterotopias têm a propriedade de delinear "uma crítica no jogo de reflexos em que aparecemos, com nitidez, em nossos maus passos".

Foucault (2013, p. 116) utiliza-se da metáfora do espelho para explicar as heterotopias – não no sentido de um reflexo ou representação da realidade tal como ela é, mas sim, na medida em que o espelho fornece "uma espécie de efeito de retorno". Com isso,

o espelho funciona como uma heterotopia, no sentido de que ele torna esse local, que eu ocupo no momento em que me olho no vidro, ao mesmo tempo absolutamente real, em ligação com todo o espaço que o cerca, e absolutamente irreal, já que tal local precisa, para ser percebido, passar por esse ponto virtual que está ali (2013, p. 116).

Os asilos, por exemplo, podem ser considerados um lugar heterotópico, na medida em que "já que em nossa sociedade, onde o lazer é a regra, a ociosidade constitui uma espécie de desvio" (FOUCAULT, 2013, p. 117). Como exposto por Gomes (2010, p. 38), "assim como nos empenhamos pela ocupação de lugares segundo nossas propensões e desejos, também nos empenhamos por lhes escapar". Assim,

ao movimento de enquadramento corresponde um outro que tenta se afastar de regras e restrições, de forma a encobrir uma mecânica de contenção intrínseca ao recorte dos lugares, de forma a, justamente, fazer com que continuem correspondendo a nossas propensões e desejos (GOMES, 2010, p. 38).

Os lugares que misturam nossas normatividades com o escape dessas mesmas normatividades constituem, portanto, espaços heterotópicos.

As heterotopias assumem, dessa forma, uma função de criar um contraponto em relação aos espaços restantes. Assim, "ou bem elas têm o papel de criar um espaço de ilusão, que denuncia como mais ilusório ainda todo o espaço real, todas as alocações no interior das quais a vida humana é com-

partimentada", tal como nos bordéis. Ou, seu papel é "criar um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arranjado quanto o nosso é desordenado, maldisposto e bagunçado" (FOUCAULT, 2013, p. 120), reafirmando a ideia de uma representação de um espelho social invertido.

Além disso, as heterotopias combinam elementos contraditórios, tal como um mosaico proveniente de diferentes fontes da cultura. "A heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis" (FOUCAULT, 2013, p. 118). Isso inclui, ainda, elementos de temporalidades diversas, de forma que "elas se abrem para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias" onde "os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional" (FOUCAULT, 2013, p. 118). Museus e bibliotecas atendem a esse pressuposto de muitas temporalidades que se entrecruzam em um mesmo espaço. Por fim, um outro princípio das heterotopias refere-se à noção de que esses lugares "pressupõem sempre um sistema de abertura e de fechamento que simultaneamente as isola e as torna penetráveis". Assim, "em geral, não se acede a uma alocação heterotópica como a um local onde é possível entrar e sair sem restrições" (FOUCAULT, 2013, p. 119).

O autor assume a heterotopologia como a constituição de espaços materialmente articulados, tais como as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas e as prisões. Algumas releituras da obra de Foucault, contudo, permitem pensar essas alocações não apenas a partir de espaços físicos, mas também, levando-se em alocações midiaticamente construídas. Para Gomes (2010, p. 46), certos ambientes culturais e midiáticos podem se comportar como espaços heterotópicos, ao representarem, em sua ambiência, "heterotopias de um tempo que se acumula infinitamente, fazendo conviver num mesmo espaço elementos de diversas épocas". Em tais representações midiáticas, "podemos ver o embaralhar do tempo e do espaço, a pilhagem da História, o jogo de espelhos em sua inversão, que põe a nu as nossas relações" sociais. A autora utiliza o conceito de

heterotopia, de Foucault (2013), para referir-se a certas produções culturais a partir das quais um lugar utópico é construído. Em sua leitura, o filme *Avatar* (2009), dirigido por James Cameron, pode ser entendido como uma heterotopia, posto que ele oferece em sua crítica a ganância do homem em uma representação de um mundo utópico.

Nunes (2019) também irá pensar a constituição de lugares heterotópicos desde uma perspectiva comunicacional ao relacionar esse conceito com os pressupostos da semiótica da cultura. Para a autora, os processos de codificação, decodificação, tradução, permanência, transmissão e exclusão de signos, códigos e textos nas ambiências comunicacionais podem caracterizar espaços heterotópicos, na medida em que eles operacionalizam "a permanência de certos signos e códigos, a resignificação de uns, a exclusão de outros e a geração de novos, configurando-se como novo texto cultural, nova vida semiótica" (NUNES, 2019, p. 201). As ambiências comunicacionais permitem uma grande expansão de linguagens e, "a cada expansão, uma embrionária forma de vida textual, por sua vez, sujeitada a condicionamentos temporais, para que permaneça na cultura e na memória, tendo em conta a longevidade dos textos e dos códigos. Tempo e memória se imiscuem" (NUNES, 2019, p. 202), podendo constituir heterotopias.

Também Tucherman (2006), irá propor que a midiaticização constrói possibilidades de espaços heterotópicos, principalmente, a partir da virtualização de lugares sociais diversos. Para a autora (2006, p. 89), "gosto de pensar que as apostas possíveis nos conjuntos simbólicos e sociotécnicos que são as nossas cidades e cibercidades aproximam-se destas descrições" sobre a heterotopia.

Virtualizações de museus e bibliotecas, eles mesmos já espaços heterotópicos, experiências lúdicas e cognitivas disponíveis, e, sobretudo, a abertura para inventar, como um navio sem destino pré-determinado, novos continentes e outros portos (TUCHERMAN, 2006, p. 89).

Os espaços tecnofabulados, nesse sentido, estabelecem ligações da matriz tecnológica

com questões históricas, artísticas, categoriais e afetivas que engendram um espaço em que as ambivalências sociais se esboçam e se materializam em instâncias midiáticas.

A análise do material postado na comunidade Manual do Jogador Ruim atende às características delineadas por Foucault (2013) a respeito da constituição de lugares heterotópicos – nesse caso, mediados por instâncias midiáticas.

O mapeamento revela que grande parte do conteúdo postado dialoga com elementos da hipermasculinidade (como a constituição de uma comunidade fraterna entre homens, a hiperssexualização masculina, a demonstração ostensiva de uma heterossexualidade vigilante, a objetificação do corpo feminino, a valorização de comportamentos de risco e dos papéis tradicionais do homem como provedor e dominante nas relações sociais). Ao postular o lema "só é bem-vindo quem for alegre", esses conteúdos são trazidos à comunidade de forma estereotipada, utilizando o humor como guia e roteiro dos conteúdos. O recurso ao humor é interessante na medida em que a jocosidade fornece uma espécie de liberação das normas sociais de forma que a proibição e a censura social podem ficar temporariamente suspensas. "O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica" (POSSENTI, 1998, p. 49). Além disso, "o humor lança luz sobre nossos segredos mais sombrios, e manuseia o nariz para objetos de nossa maior reverência". Faz-se "paródias humorísticas, ridicularizam e tira sarro do sexo, religião, amor, casamento, filhos, sociedade, política- o nome deles - e vem fazendo isto ao longo da história" (BERGER, 2012, p. 156).

Para que a piada possa fazer efeito, é necessário que ela acione códigos culturais amplamente identificáveis (a partir de uma posição ideológica dominante) ao mesmo tempo em que opere uma distorção desse mesmo código. O humor permite, portanto, que haja tanto a adesão ao código quanto a sua negação – uma vez que, diante de piadas de mal gosto, pode-se sempre alegar a falta de seriedade da situação e a má

interpretação do ouvinte, onde o narrador pode dizer estar tentando apenas ser engraçado.

Os discursos de hipermasculinidade expostos em Manual do Jogador Ruim, portanto, ao mesmo tempo em que validam performatividades de gênero hegemônicas, também as distorcem, ao lançar luz a essas normatividades genéricas a partir do humor. O grupo se constitui como um espaço heterotópico na medida em que faz conviver sentidos antagônicos para tais normatividades – criando um espelho que materializa representações dessas normatividades (através dos memes, vídeos e piadas) tanto para reconhecer a validade de seu lugar social quanto para poder situá-las em um lugar distante daquele reivindicado pelo sujeito (afinal, sempre se pode alegar “eu não concordo com isso, é apenas uma piada”). O uso do humor, nesse contexto, legitima a validade da norma e, concomitantemente, retira sua austeridade.

Em Manual do Jogador Ruim é possível encontrar um mosaico de elementos culturais contraditórios, posto que o grupo, explicitamente, condena expressões homofóbicas e machistas em suas regras, ao mesmo tempo em que o conteúdo postado reafirma estereótipos exagerados do macho dominante (em expressões diversas de hipermasculinidades) – sendo que esses próprios estereótipos se posicionam em um lugar de entremeio a partir de um humor que não se posiciona de forma crítica a estruturas sociais machistas, mas também não as leva completamente a sério.

O conteúdo postado no grupo combina heteronormias, posto que as normatividades de gênero expressas nas performatividades genéricas materializadas nos memes misturam tanto elementos bastante antigos a respeito de como homens e mulheres devem se comportar quanto ironizam esses modos, incorporando performatividades mais recentes.

Por fim, trata-se de um lugar cujas regras de acesso são restritas e reguladas, tal como exposto por Foucault em relação às heterotopias. O grupo possui seu próprio conjunto de regras, de forma que indivíduos que não as seguem podem ser banidos pelos administradores do

grupo. Além disso, é necessário ser convidado (por algum outro membro do grupo) para poder participar do espaço. As postagens só podem visualizadas por quem já pertence ao grupo (e não por qualquer usuário do Facebook), de forma que o consumo de seus conteúdos é regulado e o acesso é ritualizado.

A partir dessas considerações, é possível aventar a hipótese de que comunidades como Manual do Jogador Ruim, ao construir lugares heterotópicos, engendram um tipo de consumo midiático específico e, também, uma forma específica de legitimação para o seu conteúdo via humor. As performatividades das masculinidades, aqui, alicerçam suas ações de visibilidade a partir de uma espécie de espelho invertido, onde o humor com pitadas de politicamente incorreto mostra, ao mesmo tempo, a valorização de manifestações de hipermasculinidade (e de uma heterossexualidade ostensiva e vigilante) e a ironização desse modo de vida a partir do recurso à hipérbole (posto que os estereótipos machistas são tão gritantes nos conteúdos postados que podem beirar ao ridículo e ao aberrante).

A partir do pressuposto de que, nas redes sociais, os indivíduos performam seus *selves* para obter prestígio social em ações que buscam sempre uma coerência expressiva (POLIVANOV, 2019), a convocação ao consumo presente em comunidades como Manual do Jogador Ruim está justamente em permitir o acesso a um mundo onde expressões de hipermasculinidade podem encontrar guarita. Ou, em outros termos, porque permitem um espaço de bastidor (GOFFMAN, 2005).

Na teoria goffmaniana sobre as manifestações expressivas do sujeito em busca de prestígio social em suas diversas interações cotidianas, o autor distingue o que seria uma performance de palco (ou de fachada) de uma de bastidor. Se, na fachada, os indivíduos se esforçam para mostrar versões impecáveis de si mesmos, o bastidor é um espaço que permite um escape, uma ironização do que foi articulado na fachada, um reengendramento dos elementos que garantem prestígio social.

Assim, para Goffman (2005, p. 29), a performance se refere “a toda atividade de um indivíduo

que se passa um período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência", mas ela encontra regras diferentes em espaços diversos. A fachada corresponde "à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação", ou seja, "o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua apresentação" (GOFFMAN, 2005, p. 29). Já, "quando os membros de uma equipe vão para os bastidores, onde a plateia não pode vê-los nem ouvi-los, geralmente depreciam-na de uma forma incompatível com o tratamento que lhe é dispensado frente a frente" (GOFFMAN, 2005, p. 159), tal como os garçons que, entre si, fazem troça sobre os clientes quando voltam para a cozinha.

Nos bastidores, é possível retificar e brincar com a fachada assumida. Nos bastidores, é possível assumir uma performatividade diferente daquela exposta na fachada. Ali, considera-se estar somente "entre pares", com suas próprias regras e restrições, distintas das assumidas no palco principal. Em tais espaços, os rituais para obtenção de prestígio são outros – e eles mostram, na mesma medida, a validação da performatividade materializada na fachada e sua artificialidade; a aceitação das normas impostas na fachada e sua ironização.

As convocações para o consumo midiático em Manual do Jogador Ruim estruturam-se em torno da manutenção desse espaço de bastidor. Posto que a participação em redes sociais pressupõe decisões estratégicas tomadas pelos homens no gerenciamento de impressões acerca de suas identidades pessoais como forma de ganhar legitimidade social em uma negociação com os diferentes recursos culturais para uma performatividade heterossexual bem-sucedida, Manual do Jogador Ruim fornece uma espécie de escape para a masculinidade performativamente vigilante (LIONG; CHAN, 2020). A comunidade cria um espaço heterotópico onde a hipermasculinidade encontra acolhimento a partir da mediação sim-

bólica de uma série de estereótipos exagerados do homem macho – mas que, supostamente, não poderia ser levada muito a sério, já que é uma piada, um mero jogo entre pares, uma hipérbole aberrante. O humor permite, ao mesmo tempo, que as ações tomadas no âmbito da fachada não sejam questionadas (uma vez que permite negar a pecha de machista) e fornece guarita a expressões ultravigilantes das hipermasculinidades em interações de grupo e convívios coletivos virtualizados. Por ser um espaço heterotópico de bastidor, trata-se, de certa forma, de um espaço protegido do julgamento da fachada, uma espécie de consumo midiático de bastidor.

É importante acrescentar que o reconhecimento que essas narrativas midiáticas são deliberada e artificialmente produzidas implica na assunção de que pode haver uma dissociação entre a face pública que se coloca na rede social e a identidade do sujeito, que se constrói como um personagem na interação nesses espaços (THALLER, 2020).

A legitimação discursiva opera ao construir, na comunidade, esse espaço do fora da fachada, onde posicionamentos machistas podem ser assumidos, mas negados mesmo diante de uma audiência. Nesse espaço, todos os comportamentos são passíveis da ironização via humor. Só que, mais importante do que é isso, é não deixar claro qual é o objeto preciso da ironização: seria a hipermasculinidade ou a sua negação? A ambiguidade do objeto de ironização, nesse caso, em espaços que não são propriamente contraditórios, mas sim, heterotópicos, constituem um tipo de consumo midiático específico cuja investigação é fundamental para que possamos entender as formas de embate entre o sujeito, as normatividades de gênero e suas mediações midiáticas.

Tal perspectiva significa assumir que os processos de legitimação dos discursos hipermasculinos, nessa comunidade, está antes na forma do que nos conteúdos dos *posts* veiculados. De fato, é possível observar que nos conteúdos postados no Manual do Jogador Ruim há discursos totalmente afinados com um espaço de hipermasculinidade que não faz qualquer concessão a um cenário de mudança

das normatividades (como, por exemplo, exposto pelo fato de que as mulheres do grupo serem chamadas de "mere", o que pode ser entendido como um exemplo da pouca propensão a qualquer possibilidade de inversão de normatividades de gênero), em produções que atuam a favor da reafirmação da hegemonia e suas perspectivas discriminatórias. É necessário considerar, contudo, que a reprodução e a perpetuação de estruturas marginalizantes, muitas vezes, obedecem a mecanismos discursivos sutis, de forma que, tal como exposto por Van Dijk (2010, p. 29),

o estudo das maneiras óbvias como o discurso está sendo abusado tal como na propaganda racista explícita [...] precisa ser complementado por análises muito mais sutis das práticas cotidianas em que o "bem" e o "mal" podem aparecer juntos na escrita.

Assim, embora os conteúdos reforcem tais ideais hipermasculinos, a forma adotada pelo discurso engendra mecanismos de mitigação sutis que têm, como efeito, a legitimação social de discursos preconceituosos.

Ao discorrer sobre as formas hodiernas de identificação dos sujeitos com os vínculos sociais, Safatle (2008, p. 104) chama atenção para a forma como esse processo é marcado pelo advento das identificações irônicas, ou seja, "identificações nas quais, a todo momento, os sujeitos afirmam sua distância em relação àquilo que estão representando", de forma que os indivíduos são convocados a atestar sua distância em relação aos papéis sociais que representam ou mesmo às suas próprias ações. Para o autor, há, assim, o desenvolvimento de "dispositivos disciplinares que são subjetivados de maneira paródica por procurarem levar sujeitos a constituírem sexualidades e economias libidinais que absorvem, ao mesmo tempo, o código e sua negação, a norma e sua transgressão" (SAFATLE, 2008, p. 175).

As produções presentes em Manual do Jogador Ruim, embora sejam mesmo discriminatórias e aberrantes em termos de igualdade de gênero, contêm, em suas estruturações discursivas, o recurso ao humor como uma espécie de escudo protetor de uma imagem de fachada para os

indivíduos que se valem dele, na medida em que, diante das acusações de machismo e de homofobia, é sempre possível afirmar tratar-se de uma piada, de uma brincadeira, de um engodo. Assim, embora o humor reafirme espaços sociais hegemônicos, ele possui uma outra face, articulada a essa primeira, a partir da qual é possível recorrer para mitigar os seus efeitos devastadores: se acusam o humor de ser machista, o humor devolve a acusação, dizendo que não deve ser levado a sério, direcionando a culpa para o ouvinte. Dentre os mecanismos descritos por Van Dijk como forma de perpetuar estruturas racistas e desqualificar as acusações direcionadas a discursos discriminatórios, a mitigação pelo humor tem um papel de destaque, a partir de uma suposta amenização do discurso discriminatório. Assim, "a mitigação é uma eficiente estratégia discursiva para a manutenção do status quo – em muito pelo efeito paralisante que gera sobre a discussão dos problemas" (DIDIÉ, 2019, p. 110). Trata-se, portanto, de um instrumento discursivo que legitima discursos abertamente machistas ao engendrar mecanismos de silenciamento que buscam encerrar ou evitar a discussão a partir de uma salvaguarda dada pelo humor, contribuindo para a reprodução de estruturas machistas. Nesse sentido, o humor funciona como uma salvaguarda do discurso discriminatório que, quando acionado, não deixaria evidente se o que se constrói discursivamente é uma hipermasculinidade ou sua ironização – fazendo ressaltar "por um lado, que o machismo está fora de moda e, por outro, fazendo repetir discursos antigos" (FERRARI, 2015, p. 487) – de forma a contribuir para a reprodução dessas estruturas discriminatórias.

Considerações finais

A busca por prestígio social a partir de performatividades hegemônicas de gênero não se processa em um campo discursivo livre de conflitos. Mesmo para Connell e Messerschmidt (2016), os símbolos vinculados à masculinidade hegemônica são, muitas vezes, contraditórios, malcompreendidos ou ambíguos. Inserido em um cenário de materialização de masculinidades

hipervigilantes, Manual do Jogador Ruim estrutura suas estratégias de legitimação discursiva, justamente, em torno dessas ambiguidades, nas normatividades de gênero, onde tanto a manifestação de performatividades hipermasculinas quanto sua negação operam na obtenção do prestígio social. A análise da comunidade nos fornece algumas pistas sobre como expressões abertamente machistas se legitimam discursivamente nos dispositivos midiáticos. Se a demonstração de estereótipos gritantemente machistas já não encontra a mesma acolhida de antigamente, é possível encontrar esse deferimento a partir do humor, na constituição de um lugar marcadamente heterotópico, articulado em torno da ironia e da ambivalência discursiva. Pensar nos lugares onde estruturas machistas se materializam e se reproduzem é, também, pensar nos lugares ambíguos, que combinam distintas normatividades de gênero e formas de construção de imagens de si – mesmo que em performatividades de bastidores.

Referências

ALEXANDER, Susan M.; WOODS, Katie. Reality Television and the Doing of Hyperauthentic Masculinities. **Journal of Men's Studies**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 243-264, 2019.

BENGTSSON, Tea Torbenfeldt. Performing Hypermasculinity: experiences with confined young offenders. **Men and Masculinities**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 410-428, 2016.

BERGER, Arthur. **An Anatomy of Humor**. New Jersey: Transaction Publishers, 2012.

CONNELL, Raewyn; MESSERCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORPREW, Charles S.; MATTHEWS, Jamaal S.; MITCHELL, Avery Devell. "Men at the Crossroads: A Profile Analysis of Hypermasculinity in Emerging Adulthood". **Journal of Men's Studies**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 105-121, 2014.

DIDIER, Irina Vianna Glindmeier. **O mundo está ficando chato: disputas, estratégias discursivas e resistências de arbítrio sobre a representação da mulher no CONAR**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas do Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2019.

FERRARI, Elir. Isso é trabalho de mulher: imagens discursivas sobre masculinidade nas novas formas de trabalho masculino. In: BAALBAKI, Angela *et alii* (org.). **Linguagem: teoria, análise e aplicações**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2015. p. 476-491.

FLORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, Mayra Rodrigues. Avatar: Entre utopia e heterotopia. **Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 35-49, 2010.

GUTIERREZ, Filomin C. Violence and Hypermasculinity in University Fraternity Initiations: Situating the Reproduction of Masculinity in the Philippines. **Journal of Men's Studies**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 149-168, 2019.

JESUS, Elivanete. Lugar, espaço e a constituição do ethos, da etnia e da cultura. **Estudos**, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 533-544, 2011.

LIONG, Mario; CHAN, Lih Shing. Walking a Tightrope on (Hetero)Sexuality: Performatively Vigilant Masculine Subjectivity in Response to Sexualized Culture. **Men and Masculinities**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 224-241, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NUNES, Monica Rebecca Ferrari. Memória do futuro, explosão, pancrônia: a semiótica de Lotman e os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 192-210, 2019.

PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Autorreflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 574-596, 2012.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 8, v. 1, p. 103-119, 2019.

POSSENTI, Sirio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SALDANHA, Arun. Heterotopia and Structuralism. **Environment and Planning A: Economy and Space**, [S. l.], v. 40, n. 9, p. 2080-2096, 2008.

THALLER, Jonel. "I Know She Loves It": Narrative Analysis of One Man's Justifications for Reproductive Control in an Intimate Relationship. **Men and Masculinities**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 203-224, 2020.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

WHITMER, Jennifer M. A progression and a regression at the same time: hybrid masculinities and entrepreneurial selfhood". **The journal of men's studies**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 115-132, 2017.

Eliza Bachega Casadei

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em São Paulo, SP, Brasil; professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Eliza Bachega Casadei
Escola Superior de Propaganda e Marketing
Rua Doutor Álvaro Alvim, 123
Vila Mariana, 0401-8010
São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.